

A filosofia e a teologia na Universidade Católica¹

Philosophy and theology in the Catholic Universities

Cardeal Zenon GROCHOLEWSKY²

Resumo

Tendo como ponto de partida e fio condutor uma passagem de *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, a reflexão está estruturada em três momentos: no primeiro, inspirando-se na frase da personagem Rosa “O vento arrasta-os”, empreende um esforço por sintetizar a realidade que nos circunda; no segundo, considerando a frase da mesma personagem “Faltam-lhes as raízes”, analisa as consequências do vento atual na sociedade e na educação superior; no terceiro e último momento, seguindo o restante da fala “Isso incomoda-lhes muito”, ressalta as contribuições da filosofia e da teologia para se contrapor ao vento e à carência de raízes, com o objetivo de provocar os nossos professores e estudantes. Esses três momentos são abordados segundo as leis e as declarações do Magistério da Igreja que normatizam e regulam as Universidades Católicas, detendo-se, sobretudo, no Concílio Vaticano II, na Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae*, no Decreto sobre a Reforma dos Estudos Eclesiásticos de Filosofia, sem menosprezar algumas intervenções dos Sumos Pontífices.

Palavras-chave: Ensino superior. *Ex corde Ecclesiae*. Magistério da Igreja. Universidades Católicas.

Abstract

*A passage from The Little Prince, by Antoine de Saint-Exupéry, is the starting point of a reflection that is divided into three parts: at first, I was inspired by the phrase “The wind drags them”, meaning an effort that summarizes the reality that surrounds us; then, considering the phrase “They lack the roots”, I analyze the consequences of the winds of society and higher education; finally, the phrase “It bothers them a lot”, I point out the contributions of philosophy and theology to oppose those winds and the lack of roots to stimulate professors and students. These three parts are based on the laws and statements of the Magisterium of the Church that standardize and regulate Catholic Universities, particularly the Second Vatican Council, the Apostolic Constitution *Ex corde Ecclesiae*, and the Decree on the Reform of Ecclesiastical Studies of Philosophy, without ignoring the Popes’ interventions.*

Keywords: Higher Education. *Ex corde Ecclesiae*. Magisterium of the Church. Catholic Universities.

¹ Conferência proferida pelo Cardeal Zenon Grocholewsky no Colóquio “A Identidade da Universidade Católica: em comemoração aos 25 anos da Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae*”, realizado na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 7 de maio de 2015.

² Prefeito da Congregação para a Educação Católica. Vaticano, Roma, Itália.

Introdução

No breve relato de Antoine de Saint-Exupéry podemos ler um diálogo que, sem dúvida alguma, causa-nos consternação. Diz: “*Onde estão os homens?*”, perguntou cortesmente o Pequeno Príncipe. [A flor respondeu:] *Os homens? Não existem mais do que seis ou sete, eu acho. Vi-os faz anos e nunca se sabe onde encontrá-los. O vento arrasta-os. Faltam-lhes raízes. Isso incomoda-lhes muito*³.

Desse diálogo poderiam ser extraídas várias afirmações; algumas delas, lidas fora do seu contexto, estariam muito perto do pessimismo antropológico. A resposta da Flor pareceria ter eco nas palavras pronunciadas por São João Paulo II, que em uma das suas Encíclicas disse: “a triste perplexidade do homem [de hoje], que muitas vezes já não sabe *quem é, de onde vem, nem para aonde vai*. E assim, assistimos não poucas vezes ao pavoroso precipitar-se da pessoa humana em situações de autodestruição progressiva”⁴. O diálogo de *O Pequeno Príncipe* sugere-me um esquema para abordar o tema que me foi pedido para hoje: a filosofia e a teologia na Universidade Católica. Duas disciplinas que ajudam “os estudantes a adquirir uma visão orgânica da realidade e a desenvolver um desejo incessante de progresso intelectual”⁵.

Estruturarei esta reflexão em três momentos, de acordo com as últimas afirmações da Flor: “O vento arrasta-os. Faltam-lhes raízes. Isso incomoda-lhes muito”. É por isso que no primeiro momento, inspirado na frase “O vento arrasta-os”, farei um esforço por sintetizar a realidade que nos circunda; no segundo, considerando a frase “Faltam-lhes raízes”, analisarei as consequências do “vento” atual na sociedade e na educação superior; já no terceiro e último, seguindo a frase “Isso incomoda-lhes muito”, ressaltarei as contribuições da filosofia e da teologia para se contrapor ao “vento” e à “carência de raízes”, com o objetivo de provocar em nossos professores e estudantes “a valentia de expressar verdades incômodas, verdades que não adulam a opinião pública, mas que são também necessárias para salvaguardar o bem autêntico da sociedade”⁶.

Esses três momentos serão abordados segundo as leis e as declarações do Magistério da Igreja que normatizam e regulam as Universidades Católicas, detendo-me, sobretudo, no Concílio Vaticano II, na Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae*, no Decreto sobre a Reforma dos Estudos Eclesiásticos de Filosofia, sem menosprezar algumas intervenções dos Sumos Pontífices. Espero, com a graça de Deus, abordar o tema com a simplicidade e a clareza necessárias, advertindo desde agora que não pretendo esgotá-lo, mas iniciar um espaço para a reflexão e o diálogo.

³ A. DE SAINT-EXUPÉRY. *O Pequeno Príncipe*, capítulo XVIII. Tradução feita a partir da citação do texto em espanhol.

⁴ JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica *Veritatis Splendor*, 6 de agosto de 1993, n. 84.

⁵ JOÃO PAULO II, Papa. Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae*, 15 de agosto de 1990, n. 20.

⁶ JOÃO PAULO II, Papa. Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae*, 15 de agosto de 1990, n. 32.

“O vento arrasta-os”: visão da realidade contemporânea

Iniciamos esta lição fazendo-nos uma pergunta: qual é o vento que está arrastando a humanidade de hoje? A resposta é complexa e exigente. Para isso, me inspirarei em alguns dos últimos documentos magisteriais que trazem uma visão orgânica da realidade, sobretudo, sublinharei as ideias erradas, ou seja, os “ventos agoureiros”, que estão destruindo de forma solapada o homem e o mundo. Com isso seremos capazes de instaurar um diálogo entre a realidade e a ideia. Como disse o Papa Francisco: “A realidade simplesmente é, a ideia elabora-se. Entre as duas deve-se instaurar um diálogo constante, evitando que a ideia termine separando-se da realidade. É perigoso viver no reino da palavra só, da imagem, do sofisma. [...] a realidade é superior à ideia”⁷.

a) Em primeiro lugar, reconhecemos que ainda continuamos vivendo sob um forte vento de **relativismo**, “ou seja, deixar-se ‘levar à deriva por qualquer vento de doutrina’, [o que] parece ser a única atitude adequada nos tempos atuais. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que não reconhece nada como definitivo e que deixa como última medida só o próprio eu e os seus desejos”⁸, negando ao homem a possibilidade de olhar além dessa medida. Vivemos sob a ditadura do relativismo que, como disse o Papa emérito, “mortifica a razão, porque, de fato, chega até afirmar que o ser humano não pode conhecer nada com certeza para além do campo científico positivo”⁹.

Esse ponto de vista tocou todas as esferas da humanidade, superando o mundo da física no qual nasceu. Hoje, fala-se do relativismo gnosiológico ou metafísico, estético, ético ou político-social, cultural, religioso. Vejamos brevemente cada um deles.

O relativismo gnosiológico ou metafísico desconfia da verdade, “nega à verdade o seu caráter exclusivo, partindo do pressuposto de que se manifesta de igual maneira em diversas doutrinas, mesmo que contraditórias entre si. Nessa perspectiva, tudo se reduz à opinião. [...] tende a fazer considerações existenciais, hermenêuticas ou linguísticas que prescindem da questão radical sobre a verdade da vida pessoal, do ser e de Deus. Em consequência, surgiram no homem contemporâneo, e não só entre alguns filósofos, atitudes de difusa desconfiança a respeito dos grandes recursos cognoscitivos do ser humano. Com falsa modéstia, conformam-se com verdades parciais e provisórias, sem tentar fazer perguntas radicais sobre o sentido e o fundamento último da vida humana, pessoal e social”¹⁰.

Já o relativismo estético obscurece “a união inseparável entre verdade, bondade e beleza”¹¹, esquecendo a graça da beleza para poder chegar ao coração humano e ofuscando nele a verdade e a bondade. Como afirmava o Documento Final da Assembleia do Pontifício Conselho para a Cultura de 2006: “a verdade ressentiu-se pelo fato de ter sido instrumentalizada pela ideologia e por ter a bondade sofrido a ‘horizontalidade’ de ser reduzida a ser unicamente um ato social [...] a beleza [foi] reduzida a um simples prazer dos sentidos [negando-se-lhe] a plena consciência da sua universalidade, do seu valor supremo, altamente transcendente”¹².

Com o relativismo ético ou político-social “perdeu-se a evidência originária dos fundamentos do ser humano e do seu fazer ético, e a doutrina da lei moral natural se confronta com

⁷ FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 24 de novembro de 2013, n. 231.

⁸ RATZINGER, J. *Homilia da missa pro eligendo Papa*, 18 de abril de 2015.

⁹ BENTO XVI, Papa. Audiência Geral, 5 de agosto de 2009.

¹⁰ JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica *Fides et ratio*, 14 de setembro de 1998, n. 5.

¹¹ FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 24 de novembro de 2013, n. 167.

¹² PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A CULTURA, Documento final da Assembleia Plenária, *Via Pulchritudinis*, Caminho privilegiado da evangelização e do diálogo, 28 de março de 2005, n. II, 1. Tradução minha

outras concepções que constituem a sua negação direta. [Em consequência] a maioria dos cidadãos se converte em fonte última da lei civil. O problema que é colocado não é a procura do bem, mas do poder, ou melhor, do equilíbrio de poderes [...], porque o relativismo garante a tolerância e o respeito recíproco das pessoas”¹³.

No que diz respeito ao relativismo cultural, este “pensa nas culturas como superpostas umas às outras, substancialmente equivalentes e intercambiáveis. [...] o relativismo cultural provoca que os grupos culturais estejam juntos ou convivam, mas, separadamente, sem diálogo autêntico e, portanto, sem uma verdadeira integração. Existe [também] o perigo oposto de *rebaixar a cultura* e homologar os comportamentos e estilos de vida. Desse modo, perde-se o sentido profundo da cultura das diferentes nações, das tradições dos diversos povos, em cujo marco a pessoa enfrenta as questões fundamentais da existência [...] Assim, as culturas não sabem mais encontrar o seu lugar em uma natureza que as transcende, terminando por reduzir o homem a mero dado cultural”¹⁴.

Por sua parte, o relativismo religioso aceita “como verdade só a verdade tecnológica: é verdade aquilo que o homem consegue construir e medir com sua ciência; é verdade porque funciona e assim torna a vida mais confortável e fácil. [...] essa é a única verdade certa, a única que pode-se compartilhar com outros, a única sobre a qual é possível debater e comprometer-se juntos. Por outro lado, estariam depois as verdades do indivíduo, que consistem na autenticidade com aquilo que cada um sente dentro de si, válidas só para si próprio, e que não podem-se propor aos outros com a pretensão de contribuir para o bem comum. A verdade maior, a verdade que explica a vida pessoal e social no seu conjunto, é vista com suspeita [...] Assim, resta apenas um relativismo no qual a questão da verdade completa, que é, no fundo, a questão de Deus, não interessa mais”¹⁵.

b) Junto ao relativismo, o “vento” contemporâneo vive o influxo do **niilismo**, do **ateísmo** e do **neofideísmo**. O niilismo, “como filosofia do nada, consegue ter certo atrativo entre os nossos contemporâneos. Os seus seguidores teorizam sobre a pesquisa como fim em si mesma, sem esperança nem possibilidade alguma de alcançar a meta da verdade. Na interpretação niilista, a existência é só uma oportunidade para sensações e experiências nas quais tem a primazia o efêmero. O niilismo está na origem da difundida mentalidade segundo a qual não se deve assumir nenhum compromisso definitivo, já que tudo é fugaz e provisório”¹⁶.

No ateísmo prático “não se negam as verdades da fé ou dos ritos religiosos, mas, simplesmente, consideram-se irrelevantes para a existência cotidiana, separados da vida, inúteis. Com frequência, acredita-se em Deus de um modo superficial, e vive-se “como se Deus não existisse” (*etsi Deus non daretur*). Ao final, no entanto, esse modo de viver resulta ainda mais destrutivo, porque leva a indiferença para a fé e para a questão de Deus”¹⁷.

Para o neofideísmo, a razão limita ou debilita a fé. Portanto, é vivida uma fé medrosa, fechada, sem coragem para enfrentar-se ou refletir. “A fé é vista assim como um salto que damos no vazio, por falta de luz, movidos por um sentimento cego; ou como uma luz subjetiva, capaz talvez de enaltecer o coração, de dar consolo privado, mas que não se pode propor ao resto como luz objetiva e comum para iluminar o caminho”¹⁸.

c) Todas essas ideologias estão manipulando a sociedade atual. Esse “vento” contemporâneo está arrastando gerações completas, as quais no meio de um mundo agitado e cada vez mais tecnológico, não encontram tempo para refletir, para despertar-se.

¹³ BENTO XVI, Papa. Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional, 5 de outubro de 2007.

¹⁴ BENTO XVI, Papa. Carta Encíclica *Caritas in veritate*, 29 de junho de 2009, n. 26.

¹⁵ FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Lumen fidei*, 29 de junho de 2013, n. 25.

¹⁶ JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica *Fides et ratio*, 14 de setembro de 1998, n. 46.

¹⁷ BENTO XVI, Papa. Audiência geral, 14 de novembro de 2012.

¹⁸ FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Lumen fidei*, 29 de junho de 2013, n. 3.

No entanto, surge uma pergunta: tem algo de bom na sociedade atual? A resposta é afirmativa: “não há dúvida de que hoje existe uma conscientização particularmente viva sobre a liberdade [...] Concretamente, o direito à liberdade religiosa e ao respeito da consciência no seu caminho para a verdade é sentido cada vez mais como fundamento dos direitos da pessoa, considerados no seu conjunto. Desse modo, no sentido mais profundo da dignidade da pessoa humana e de sua unicidade, assim como do respeito devido ao caminho da consciência, é certamente uma aquisição positiva da cultura moderna”¹⁹.

Todas essas conquistas contemporâneas, e outras que não mencionei, vão-nos ajudar, no segundo e no terceiro momentos. Elas irão contrapor as consequências do vento atual e a fundamentar a importância da filosofia e da teologia na Universidade Católica.

“Faltam-lhes as raízes”: consequências das ideologias atuais

Respondeu a Flor: “O vento arrasta-os. Faltam-lhes as raízes. Isso incomoda-lhes muito”. Neste segundo momento, a partir da frase “*Faltam-lhes as raízes*”, vou deter-me em analisar as consequências do vento ideológico que reina no mundo contemporâneo, sobretudo na educação superior. Isso dará para nós luzes para compreender e refletir sobre a integração e a efetividade dos estudos superiores nesta Pontifícia Universidade e nas Universidades Católicas do mundo.

Quais são essas consequências? Permito-me sintetizá-las em quatro, sabendo que existem algumas outras. São elas: fragmentação do saber; exclusivismo da razão científica; instrumentalização da pessoa humana; e imanentismo antropocêntrico. Aprofundemo-nos, agora, nelas.

a) A **fragmentação do saber** nasce como resposta à negação da união entre a verdade e a razão. Ao afirmar-se a existência de muitas verdades válidas e da supervalorização de um mundo tecnológico, a educação superior caiu na tentação de ser dirigida para a hiperespecialização das ciências. Como explicava-nos o Papa emérito: “Com o crescimento massivo da informação e da tecnologia surge a tentação de separar a razão da procura da verdade. No entanto, a razão, uma vez separada da orientação humana fundamental para a verdade, começa a perder a sua direção. Acaba por secar-se, sob a aparência de modéstia, quando se contenta com o meramente parcial ou provisório, ou sob a aparência de certeza, quando impõe a rendição frente às demandas de quem de maneira indiscriminada dá igual valor a praticamente tudo”²⁰. Se o conhecimento não é enraizado na verdade, se produz uma terrível fragmentação do saber que pode desembocar numa desagregação do saber.

Qual é o maior mal dessa fragmentação? A meu ver, é descuidar o significado profundo da educação em prejuízo dos nossos estudantes. Acontece como lembra a parábola indiana dos cegos e o elefante, a qual conta que foi pedido para três cegos que determinassem como era um elefante apalpando as diferentes partes do corpo do animal. O homem que tocou a pata disse que o elefante era como um pilar; aquele que tocou o rabo disse que o elefante era uma corda; aquele que tocou a orelha disse que era como um leque; aquele que tocou a barriga disse que era como uma parede; e aquele que tocou a presa disse que o elefante era como um tubo sólido. A fragmentação vê só uma parte e esquece a totalidade,

¹⁹ JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica *Veritatis Splendor*, 6 de agosto de 1993, n. 31.

²⁰ BENTO XVI, Papa. Discurso ao mundo acadêmico, Praga, 27 de setembro de 2009.

chegando a dogmatizar o particular como geral. A propósito disso o Papa Francisco diz: “O todo é mais do que a parte, e também é mais que a mera soma delas. Então, não devemos ficar obcecados demais por questões limitadas e particulares. Sempre temos de ampliar o olhar para reconhecer um bem maior que nos beneficiará a todos”²¹.

Ante a fragmentação do saber, a *Ex corde Ecclesiae* propõe a integração do saber no qual “cada disciplina se estuda de maneira sistemática, estabelecendo depois um diálogo entre as diversas disciplinas com o fim de enriquecer-se mutuamente” (n. 15). Nos jovens, mesmo que não o pareça, existe uma necessidade cultural de síntese, uma necessidade de unidade de sentido. Por isso, a Universidade Católica “deve ser simultaneamente uma comunidade de estudiosos, em que estão presentes os diversos campos do saber humano, e uma instituição acadêmica, na qual o catolicismo é presente de maneira vital”²².

b) Uma segunda consequência do “vento” de hoje é o **exclusivismo da razão científica** e, em consequência, a recusa em aceitar a fé e dialogar com ela. Continuam sendo válidas as palavras do livro da Sabedoria, cujo autor afirma:

São néscios por natureza todos os homens que ignoraram a Deus e não foram capazes de conhecer aquele que é a partir dos bens visíveis, nem de reconhecer o artífice prestando atenção nas suas obras, mas que tiveram por deuses o fogo, o vento, o ar ligeiro, a abóbada estrelada, a água impetuosa e os luzeiros do céu, regedores do mundo. Se, cativados pela sua beleza, acreditaram que eram deuses, saibam quanto lhes é superior o Senhor, pois os criou o mesmo autor da beleza. E se os assombrou o seu poder e energia, calculem quanto mais poderoso é quem os fez, pois pela grandeza e beleza das criaturas descobre-se por analogia o seu criador (Sb 13,1-5).

O grande problema de afirmar a exclusividade da razão científica é que acaba-se por prejudicar a própria razão, limitando-a, encerrando-a, negando-a. Dizia o Papa emérito que para assegurar uma razão aberta à questão da verdade e aos grandes valores inscritos no próprio ser e, em consequência, aberta ao transcendente, à fé, “só o conseguiremos se a razão e a fé reencontram-se de um modo novo, se superamos a limitação que a razão impõe-se a si mesma de se reduzir àquilo que pode-se verificar com a experimentação, e voltarmos a abrir de novo os seus horizontes em toda sua amplitude”²³.

É necessário, como diz a *Ex corde Ecclesiae*, que na Universidade Católica **a razão e a fé** dialoguem “de modo que seja possível ver mais profundamente como fé e razão se encontram na única verdade. Mas conservando cada disciplina acadêmica sua própria identidade e seus próprios métodos, esse diálogo coloca em evidência que a “pesquisa metódica em todos os campos do saber é realizada de uma forma autenticamente científica e conforme as leis morais, nunca será uma realidade contrária à fé, porque as realidades profanas e as da fé têm a sua origem no mesmo Deus” (n. 17).

c) A terceira consequência do “vento” atual é a terrível **instrumentalização da pessoa humana**. No mundo de hoje, como afirmou o Papa Francisco: “o ser humano é considerado em si mesmo como um bem de consumo, que se pode usar e depois jogar fora. Demos início à cultura do “descarte” que, aliás, é promovida. Não se trata somente do fenômeno da exploração e da opressão, mas de algo novo: com a exclusão, a pertença à sociedade na qual se vive fica afetada na sua própria raiz, pois já não se está abaixo dela, na periferia, ou sem poder, mas se está fora. Os excluídos não são “explorados”, mas destruídos, são “sobrantes”²⁴.

²¹ FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 24 de novembro de 2013, n. 235.

²² JOÃO PAULO II, Papa. Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae*, 15 de agosto de 1990, n. 14.

²³ BENTO XVI, Papa. Discurso na Universidade de Ratisbona, 12 de setembro de 2006.

²⁴ FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 24 de novembro de 2013, n. 53.

São duras, ainda hoje, as palavras do Papa Bento XVI, que denunciava um terrível mal das cidades atuais. Dizia: “Com frequência, reclamamos da contaminação do ar [...] No entanto, tem outra contaminação, menos fácil de perceber pelos sentidos, mas igualmente perigosa. É a contaminação do espírito: é aquela que faz o nosso rosto menos sorridente, mais sombrio, aquela que nos leva a não nos cumprimentar uns aos outros, a não nos olhar no rosto [...] A cidade é feita de rostos, mas lamentavelmente as dinâmicas coletivas podem fazer com que percamos a percepção da sua profundidade. Vemos só a superfície de tudo. As pessoas são convertidas em corpos, e esses corpos perdem a sua alma, são convertidos em coisas, em objetos sem rosto, intercambiáveis e consumíveis”²⁵.

A instrumentalização da pessoa humana exige como resposta por parte da Universidade Católica a **primazia da pessoa humana**, sua valorização ética, moral e espiritual. A *Ex corde Ecclesiae*, retomando as palavras que pronunciou São João Paulo II na UNESCO, em 1980, diz que “é essencial que fiquemos convencidos da prioridade do ético sobre o técnico, da primazia da pessoa humana sobre as coisas, da superioridade do espírito sobre a matéria”. Somente servirá à causa do homem se o saber é unido à consciência. Os homens de ciência ajudarão realmente à humanidade só se conservarem “o sentido da transcendência do homem sobre o mundo e de Deus sobre o homem” (n. 18).

d) A quarta consequência do “vento” atual, para concluir este segundo momento, é o **imanentismo antropocêntrico** que, segundo o Papa Francisco, pode ser de duas formas. Deixemos que seja o Papa quem nos explique. Ele diz: “uma é a fascinação do gnosticismo, uma fé encerrada no subjetivismo, onde só interessa uma determinada experiência ou uma série de arrazoados e conhecimentos que supostamente reconfortam e iluminam, mas, definitivamente, o sujeito fica enclaustrado na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos. A outra é o neopelagianismo autorreferencial e prometeico daqueles que no fundo só confiam nas suas próprias forças e sentem-se superiores a outros por cumprir determinadas normas ou por ser inquebrantavelmente fiéis a certo estilo católico próprio do passado. [Ambas] são manifestações de um imanentismo antropocêntrico”²⁶.

No primeiro grupo, poderíamos incluir aqueles fariseus que pediam a Jesus um sinal para acreditar nele (cf. Mc 8,11); mas, ao segundo grupo pertence aquele homem que no templo orava assim: “Meu Deus, agradeço-Vos porque não sou como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros; também não como esse publicano. Jejuo duas vezes na semana e pago o dízimo de tudo o que tenho” (Lc 18,11-12). Ambos os grupos bastam-se a si mesmos. Eles não têm necessidade de Deus.

Como, a partir da Universidade Católica, contrapor-se a esse imanentismo antropológico? Acredito ser urgente que a nossa educação superior seja fundamentada “*naqueles princípios éticos e religiosos que dão pleno significado à vida humana*. É essa uma ulterior contribuição que a Universidade pode dar ao desenvolvimento daquela autêntica antropologia cristã, que tem a sua origem na pessoa de Cristo, e que permite ao dinamismo da criação e da redenção influir sobre a realidade e sobre a justa solução dos problemas da vida”²⁷. Em poucas palavras, o imanentismo antropológico contrapõe-se a uma educação baseada em uma eficiente **perspectiva teológica** que, como diz a *Ex corde Ecclesiae*, “prepare pessoas capazes de um juízo racional e crítico e conscientes da dignidade transcendental da pessoa humana; [...] que compreenda os valores éticos e a dimensão de serviço às pessoas e à sociedade; [...] que favoreça uma melhor compreensão da fé; [...] que ajude a fé a expressar-se em linguagem moderna” (n. 49).

²⁵ BENTO XVI, Papa. Discurso na homenagem à Imaculada Conceição, na Praça da Espanha, Roma, 8 de dezembro de 2009.

²⁶ FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 24 de novembro de 2013, n. 53.

²⁷ JOÃO PAULO II, Papa. Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae*, 15 de agosto de 1990, n. 9; CONCÍLIO VATICANO II. Declaração sobre a educação católica *Gravissimum educationis*, n. 10.

“Isso incomoda-lhes muito”: a filosofia e a teologia na Universidade Católica

Disse a flor: “O vento arrasta-os. Faltam-lhes as raízes. Isso incomoda-lhes muito”. Neste terceiro momento, a partir da frase “*Isso incomoda-lhes muito*”, dedicar-me-ei a demonstrar a importância do estudo da filosofia e da teologia na Universidade Católica. Ambas as disciplinas, estudadas com seriedade e rigor científico, são chamadas a provocar um despertar no jovem universitário de hoje. Os nossos estudantes e egressos devem conseguir reconhecer aqueles aspectos da sociedade que se opõem aos saudáveis princípios e valores; devem ser capazes de reconhecer o vento que arrasta a humanidade e que constantemente muda; devem analisar as consequências de ideologias erradas e sentir um sincero desconforto, denunciando como insígnies arautos, a tempo e fora de tempo, o mal da sociedade.

Se a filosofia e a teologia que se estuda nas Universidades Católicas não produzem nos nossos estudantes e egressos “uma presença, digamos, pública, contínua e universal do pensamento cristão em todo esforço tendente a promover a cultura superior”²⁸, perdemos o objetivo da educação superior católica. Se as aulas ou cursos de filosofia ou de teologia não estimulam os nossos universitários a olhar e responder os desafios, quer dizer que a nossa Universidade Católica é uma universidade como outra qualquer, sem identidade e sem missão. Dizia o Papa Francisco aos jovens universitários: “Por favor, não olhem a vida de cima da sacada, insiram-se lá onde estão os desafios, que lhes pedem ajuda para levar a vida adiante, o desenvolvimento, a luta em favor da dignidade das pessoas, a luta contra a pobreza, a luta pelos valores e tantas lutas que encontramos cada dia”²⁹. Incomodar-se é lutar.

Cabe, então, a pergunta: que filosofia e que teologia deve ser estudada nas Universidades Católicas? Seguindo a *Ex corde Ecclesiae*, acredito que devam ser aquelas que procurem a integração do saber, que fomentem o diálogo entre fé e razão, que exijam a promoção da pessoa humana mediante uma preocupação ética e que defendam a perspectiva teológica de toda a realidade (n. 15). Essa filosofia e essa teologia devem mergulhar os nossos estudantes na verdade para chegar ao conhecimento rigoroso e coerente do homem, do mundo e de Deus. Desse modo, “guiados pelas intervenções específicas da filosofia e da teologia, os estudos universitários se esforçarão continuamente para determinar o lugar correspondente e o sentido de cada uma das diversas disciplinas no marco de uma visão da pessoa humana e do mundo iluminada pelo Evangelho e, conseqüentemente, pela fé em Cristo – *Logos*, como centro da criação e da história”³⁰. Vejamos o porquê .

a) *A filosofia e o homem*. “Segundo a etimologia grega [a filosofia] significa “amor à sabedoria”. De fato, a filosofia nasceu e foi desenvolvida desde o momento no qual o homem começou a interrogar-se sobre o porquê das coisas e sua finalidade. De modos e formas diversas, mostra que o desejo de verdade pertence à própria natureza do homem”³¹. Por isso, os nossos alunos que estudam essa disciplina serão capazes de descobrir que, tanto neles quanto em todos os homens e mulheres, existe o desejo e a capacidade para chegar à verdade. Ela “brilha em todas as obras do Criador e, de modo particular, no homem, criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26), pois a verdade ilumina a inteligência e modela

²⁸ JOÃO PAULO II, Papa. Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae*, 15 de agosto de 1990, n. 9; CONCÍLIO VATICANO II. Declaração sobre a educação católica *Gravissimum educationis*, n. 10.

²⁹ FRANCISCO, Papa. Homília nas Vésperas do I Domingo do Advento, com os universitários romanos, 30 de novembro de 2013.

³⁰ JOÃO PAULO II, Papa. Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae*, 15 de agosto de 1990, n. 16.

³¹ JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica *Fides et ratio*, 14 de setembro de 1998, n. 3.

a liberdade do homem, que, dessa maneira, é ajudado a conhecer e amar o Senhor”³².

Com o estudo da filosofia, os nossos estudantes poderão conhecer e crescer no patrimônio filosófico perenemente válido que descobre as verdades primordiais sobre o homem, entre elas: “a capacidade de alcançar uma verdade objetiva e universal e um conhecimento metafísico válido; a unidade corpo-alma no homem; a dignidade da pessoa humana; as relações entre a natureza e a liberdade; a importância da lei natural e das ‘fontes da moralidade’, em particular, do objeto do ato moral; a necessária conformidade da lei civil à lei moral”³³.

b) *A teologia e o homem*. Igualmente, o estudo da teologia na Universidade Católica ajudará “a descobrir mais e mais na mente dos alunos o mistério de Cristo, que afeta toda a história do gênero humano”³⁴. Ela mostrará aos nossos estudantes que também eles e todos os homens estão chamados a percorrer o caminho de uma sabedoria superior. Essa sabedoria cristã sobrenatural, que transcende a sabedoria puramente humana da filosofia, adota duas formas que se sustentam uma à outra, mas que não deveriam confundir-se: a sabedoria teológica e a mística. A primeira é o trabalho da razão iluminado pela fé. É, portanto, uma sabedoria adquirida, embora suponha o dom da fé. Oferece uma explicação unificada da realidade à luz das verdades últimas da revelação, e ilumina tudo desde o mistério fundante da Trindade, considerado em si e na sua ação, na criação e na história. [...] A sabedoria mística ou “o conhecimento dos santos” é um dom do Espírito Santo que procede da união com Deus no amor. O amor, de fato, cria uma conaturalidade afetiva entre os seres humanos e Deus, que permite às pessoas espirituais conhecer e mesmo padecer coisas divinas (*pati divina*), experimentando-as de maneira real nas suas vidas”³⁵.

Segundo a *Ex corde Ecclesiae*, a teologia “oferece [...] uma ajuda a todas as outras disciplinas na sua procura de significado, não só ajudando-lhes a examinar de que modo os seus descobrimentos influem sobre as pessoas e a sociedade, mas dando-lhes também uma perspectiva e uma orientação que não estão contidas nas suas metodologias” (n. 19).

c) *A filosofia e o mundo*. “Uma filosofia da natureza que leva a sério a profundidade inteligível do mundo sensível e, sobretudo, uma metafísica da criação, permite superar a tentação dualista e gnóstica de abandonar a natureza a uma falta de significação moral. Desse ponto de vista é importante superar o olhar redutivo que a cultura técnica dominante leva-nos a dirigir sobre a natureza, para redescobrir a mensagem moral da qual é portadora como obra do *Logos*”³⁶.

A propósito disso, não podemos esquecer as belas palavras do Concílio Vaticano II: “Pois, pela própria natureza da criação, todas as coisas estão dotadas de consistência, verdade e bondade próprias e de uma própria ordem regulada, que o homem deve respeitar com o reconhecimento da metodologia particular de cada ciência e arte. [...] Mais ainda, quem com perseverança e humildade esforça-se por penetrar nos segredos da realidade, é conduzido, mesmo sem saber, pela mão de Deus, que sustenta todas as coisas e dá para todas elas o ser”³⁷.

d) *A teologia e o mundo*. No caso do estudo da teologia, quando é iluminada pela fé, abre-se um horizonte que descobre a beleza do mundo. Não em vão se diz que “o olhar da ciência

³² JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica *Veritatis splendor*, 6 de agosto de 1993, próêmio.

³³ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Decreto da Reforma dos Estudos Eclesiásticos de Filosofia, 28 de janeiro de 2011, n. 11.

³⁴ CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Optatam totius*, 20 de outubro de 1965, n. 14.

³⁵ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A Teologia hoje: perspectivas, princípios e critérios, 29 de novembro de 2011, n. 91.

³⁶ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. Na procura de uma Ética universal: Nova perspectiva sobre a lei natural, 20 de maio de 2009, n. 78.

³⁷ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, 7 de dezembro de 1965, n. 36.

beneficia-se assim da fé: esta convida o cientista a estar aberto à realidade, em toda a sua riqueza inesgotável. A fé desperta o sentido crítico, enquanto não permite que a pesquisa se conforme com as suas fórmulas e ajuda-a a dar-se conta de que a natureza não se reduz a elas. Convidando a maravilhar-se com o mistério da criação, a fé amplia os horizontes da razão para iluminar melhor o mundo que é apresentado aos estudos da ciência”³⁸.

Diz a *Ex corde Ecclesiae*, falando da relação entre a teologia e as ciências, que “a interação com essas outras disciplinas e as suas descobertas enriquece a teologia, proporcionando-lhe uma melhor compreensão do mundo de hoje e fazendo com que a pesquisa teológica se adapte melhor às exigências atuais” (n. 19).

e. *A filosofia e Deus*. Dizia-nos o Papa emérito, refletindo sobre a obra de São Tomás de Aquino, em uma das suas audiências públicas na Praça São Pedro, que “a quem objeta que a fé é uma nesciedade, porque faz acreditar em algo que não cai na experiência dos sentidos, São Tomás dá uma resposta muito articulada, e lembra que trata-se de uma dúvida inconsistente, porque a inteligência humana é limitada e não pode conhecer o todo. Somente no caso de que pudéssemos conhecer perfeitamente todas as coisas visíveis e invisíveis, seria, então, uma autêntica nesciedade aceitar verdades por pura fé”³⁹. Por isso, é importante saber que a filosofia, que é estudada nas Universidades Católicas, deve dar as bases para aproximarmos-nos do mistério de Deus. A Deus chega-se com a razão e com a fé. A fé consolida, integra e ilumina o patrimônio de verdades que a razão humana adquire”⁴⁰.

Graças à filosofia podemos expressar com categorias humanas aquilo que a nossa fé vive e acredita⁴¹. É impressionante a influência da filosofia em alguns parágrafos da profissão de fé do Beato Papa Paulo VI, quando concluiu o Ano da Fé, em 1968. Dizia: “Acreditamos que este Deus único é tão absolutamente uno na sua santíssima essência como em todas as suas outras perfeições: na sua onipotência, na sua ciência infinita, na sua providência, na sua vontade e caridade. *Ele é aquele que É*, como ele mesmo revelou a Moisés (Ex 3,14), ele é *Amor*, como nos ensinou o Apóstolo João (1Jo 4,8) de tal maneira que estes dois nomes, Ser e Amor, expressam inefavelmente a mesma essência divina daquele que quis se manifestar a si mesmo para nós e que, *habitando a luz inacessível* (1Tm 6, 16), está em si mesmo acima de todo o nome e sobre todas as coisas e inteligências criadas. Só Deus pode outorgar-nos um conhecimento reto e pleno de si mesmo, revelando-se a si mesmo como Pai, Filho e Espírito Santo, de cuja vida eterna somos chamados pela graça a participar, aqui, na Terra, na obscuridade da fé, e, depois da morte, na luz sempiterna”⁴².

f) *A teologia e Deus*. “A Revelação introduz na história um ponto de referência do qual o homem não pode prescindir, se quer chegar a compreender o mistério de sua existência; mas, por outro lado, esse conhecimento remete constantemente ao mistério de Deus que a mente humana não pode esgotar, mas só receber e acolher na fé. Nesses dois passos, a razão possui seu próprio espaço característico que lhe permite indagar e compreender, sem ser limitada por outra coisa que a sua finitude ante o mistério infinito de Deus”⁴³. É por isso que o estudo da teologia nas Universidades Católicas tem, entre um dos seus objetivos, “que a razão do crente empregue suas capacidades de reflexão na procura da verdade dentro de um processo no qual, partindo da Palavra de Deus, esforça-se por alcançar sua melhor compreensão”⁴⁴. Como diz a *Ex corde Ecclesiae*, “A teologia católica, ensinada com inteira fidelidade à Escritura, à Tradição e ao Magistério da Igreja, oferecerá um conhecimento claro dos princípios do Evangelho, o qual enriquecerá o sentido da vida humana e lhe

³⁸ FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Lumen fidei*, 29 de junho de 2013, n. 34.

³⁹ BENTO XVI, Papa. Audiência geral, 23 de junho de 2010.

⁴⁰ BENTO XVI, Papa. Audiência geral, 16 de junho de 2010.

⁴¹ JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica *Fides et ratio*, 14 de setembro de 1998, n. 65.

⁴² PAULO VI, Papa. Profissão de fé. Credo do povo de Deus, 30 de junho de 1968, n. 9.

⁴³ JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica *Fides et ratio*, 14 de setembro de 1998, n. 14.

⁴⁴ JOÃO PAULO II, Papa. n. 73.

conferirá uma nova dignidade” (n. 20).

Diante de tudo isso, aconselho vivamente esta Pontifícia Universidade que inclua sem temor algum em todos os seus currículos de estudo alguns cursos de filosofia e de teologia. Todos os estudantes, aliás, ao receberem a devida introdução dessas duas ciências, deveriam aprofundar os aspectos filosóficos e teológicos que têm a ver com a sua especialidade. Por exemplo, filosofia e teologia do direito para quem estuda as ciências jurídicas; filosofia e teologia da criação para quem se aproxima das ciências agrárias, florestais e de zootecnia; filosofia e teologia moral para quem tenha em suas mãos a saúde, o crescimento e a formação dos outros, como a enfermagem, a medicina, a pedagogia, entre outros cursos. Não podemos esquecer, aliás, que possuir noções de antropologia cristã, doutrina social da Igreja e doutrina cristã, enriquecerá fortemente os nossos estudantes e egressos.

Conclusão

Concluo esta reflexão lembrando a frase final da Flor de *O Pequeno Príncipe*: “Os homens? Não existem mais do que seis ou sete, eu acho. Eu vi-os faz anos e nunca se sabe onde encontrá-los. O vento arrasta-os. Faltam-lhes as raízes. Isso incomoda-lhes muito”. Desejo, então, que as autoridades desta bela Universidade, bem como seus estudantes e egressos, reavivem o seu amor pela filosofia e pela teologia. Esse caminho “eleva o ser humano até o mistério que transcende a natureza e a inteligência humana. A fé não tem medo da razão; pelo contrário, procura-a e confia nela, porque “a luz da razão e a da fé provêm ambas de Deus”, e não podem contradizer-se entre si. [Este diálogo] abre novos horizontes ao pensamento e amplia as possibilidades da razão”⁴⁵.

Como disse o Apóstolo Paulo: “Transformem-se interiormente renovando sua mentalidade, a fim de que possam discernir qual é a vontade de Deus: aquilo que é bom, aquilo que lhe agrada, aquilo que é perfeito” (Rm 12,2). Partindo do lema desta Universidade (“*Fide splendet et Scientia*”), formulo o meu desejo de augúrio: *Haec Universitas magis magisque Fide splendeat et Scientia!* (“Que esta Universidade sempre mais e mais possa brilhar pela fé e pela ciência!”).

Tradução (original em espanhol)
Profa. Me. Cecilia Criado de Diego

Revisores da tradução
Prof. Me. Pe. José Benedito de Almeida David
Prof. Dr. Germano Rigacci Júnior

Recebido em 30/9/2015 e aprovado para publicação 14/10/2015.

⁴⁵FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 24 de novembro de 2013, n. 242.